



O sofrimento humano certamente é uma das realidades mais difíceis, um fardo pesado para o intelecto humano e um tema profundamente conectado com nossas experiências humanas mais comuns.

Poucos autores da atualidade dedicaram tanta reflexão e talento na tarefa de explorar o sofrimento humano como Philip Yancey. Yancey aborda este tema diretamente em muitas de suas obras: “Deus sabe que sofremos”, “A Dádiva da Dor”, “Decepcionado com Deus” e “Alma sobrevivente”. Yancey destaca que o problema do sofrimento humano é uma realidade que levou muitos pensadores a descartar a fé cristã, incluindo Cyril Edwin Mitchinson Joad (1891-1953), Bertrand Russell (1872-1970) e Voltaire (1694-1778).¹ Segundo Yancey, o problema do sofrimento humano abrange todos nós, pois todos de alguma maneira já sofremos ou sofreremos e como Yancey consegue explorar de maneira muito eloquente em todos os seus livros, o sofrimento nos leva a perguntas que são a um só tempo dolorosas e aparentemente sem resposta: Por que sofremos? Para que sofremos? Por que Deus permite o sofrimento? O sofrimento é uma punição por nossos pecados? O que dizer do sofrimento do inocente?

Clives Staples Lewis também dedicou uma de suas obras aquilo que ele chamou de “O problema do sofrimento”, no qual Lewis declara que seu propósito é abordar o problema intelectual gerado pelo fato consumado do sofrimento humano em seu prefácio.² Lewis encara o fato de que o sofrimento não apenas nos leva a angustiar em dor, mas também nos leva a experimentar uma agonizante cadeia de dúvidas e pensamentos dolorosos, questões e perguntas para as quais não temos resposta.

Uma cosmovisão cristã não pode desprezar ou ignorar o problema do sofrimento humano. O que as Escrituras dizem sobre o problema do sofrimento humano? A primeira coisa que as Escrituras afirmam é que o sofrimento humano é um subproduto do pecado. Os textos fundamentais de Gênesis 2 e 3 mostram que o Criador após criar os primeiros pais os colocou no jardim do Éden e lhes deu o comando contido em Gênesis 2.16,17. Os reformados demonstram que o comando do Eterno para que os pais não comam da árvore do bem e do mal é o chamado Pacto das Obras, pois muito embora o termo “pacto” não apareça em Gênesis 2, temos nos versos 16 e 17 todos os elementos de um pacto: as partes, a promessa, a condição e a penalidade.³ O teólogo Charles Hodge deixa claro que nos termos do pacto Deus “entrou em uma aliança de vida com ele [Adão], sob a condição de perfeita obediência, proibindo-o de comer a árvore do conhecimento do bem e do mal sob a penalidade de morte”.⁴

A palavra do Criador para Adão é: “Se comer, você morrendo morrerá” (Gn 2.17). Após a queda, o homem passou a experimentar a morte em todos os seus sentidos – declínio e envelhecimento, morte física, morte espiritual e morte eterna – e passou também a experimentar sofrimentos interiores como vergonha e culpa (Gn 3.7,8,10) além de conflitos nas relações (Gn 3.12), dores físicas (Gn 3.16) e sofrimento no trabalho (Gn 3.17-19). O autor de Gênesis é eloquente em afirmar que o sofrimento humano é uma consequência do divórcio entre Criador e criatura, é um resultado do pecado e da queda.

Esta relação entre sofrimento e pecado é fortalecida ao longo de boa parte do Antigo Testamento, especialmente na passagem clássica de Deuteronômio 28.15-68, no qual Moisés deixa claro que há uma relação íntima entre pecado e sofrimento. Dessa forma, a primeira resposta das Escrituras é que o sofrimento passa a existir na criação como um resultado da rebeldia do homem. Como muito bem apontou C. S. Lewis, “foram os homens, e não Deus, que inventaram a tortura, os chicotes, as prisões, a escravidão, as armas, as baionetas e as bombas. A pobreza e o excesso de trabalho são produtos da avareza ou da estupidez humana e não uma distorção da natureza”.⁵

Logo, o que o sofrimento humano demonstra não é a inexistência de Deus ou da bondade de Deus, mas sim a existência e a gravidade do pecado humano e de como a condição humana foi afetada pela rebeldia do homem perante seu Criador. Esta resposta das Escrituras pode não nos agradar, mas conferindo-a com a realidade, não podemos negar: boa parte do sofrimento no mundo é causado pelo próprio ser humano e nós mesmos podemos ser – e frequentemente somos – a fonte de sofrimento das pessoas que estão a nossa volta.

O que Lewis destaca é que essa reflexão não encerra as perguntas, mas apenas dá um ponto de partida bíblico dentro de uma cosmovisão cristã: “Mesmo que toda dor fosse causada pelo ser humano, ainda assim

¹ YANCEY, Phillip. *Deus sabe que sofremos*.

² LEWIS, C. S. *O problema do sofrimento*.

³ BERCKOF, p.118,119

⁴ HODGE, CHARLES: *Systematic theology*. vol. 2. Oak Harbor, WA : Logos Research Systems, Inc., 1997

⁵ LEWIS, C. S. *O problema do sofrimento*

gostaríamos de saber a razão para a tolerância por parte de Deus no que diz respeito à tortura que os indivíduos malvados infringem aos seus semelhantes. De todo modo, porém, existe ainda muito sofrimento que não pode ser atribuído a nós mesmos”.⁶

Ou seja, por que pessoas boas sofrem? O sofrimento é sempre resultado de pecado? O sofrimento é uma lição de Deus para nós? Quando sofrermos devemos perguntar o por que ou para que? Existem dois livros no Antigo Testamento que oferecem respostas que parecem contraditórias para essas mesmas perguntas mas que na verdade devem ser lidos dentro uma tensão: o livro de Jó e o livro de Lamentações.

O livro de Lamentações é uma peça poética, uma narrativa escrita em poesia, atribuída ao profeta Jeremias. Lamentações é escrito tendo em mente os eventos relacionados à queda de Jerusalém no ano 587 a.C., expressando em forma poética e visceral os eventos narrados em 2Reis 25. Segundo Eugene Peterson, em seu livro “O Pastor que Deus usa”, se 2Reis 25 nos dá um relato histórico do que aconteceu quando Nabucodonosor invadiu a Cidade Santa, Lamentações é um relato do sofrimento relacionado à queda de Jerusalém. É a narração do suplício daquele povo, um retrato interno da alma daquela nação massacrada pela invasão babilônica.

O livro de Lamentações foi escrito em forma de acróstico seguindo o alfabeto hebraico no qual o autor expressa com grande habilidade as questões dramáticas envolvendo o cerco e destruição de Jerusalém. A questão é que na maneira como Lamentações enquadra o problema do sofrimento o autor deixa claro que o sofrimento do povo de Jerusalém tinha raízes diretas e sólidas no pecado, na idolatria, no abandono do Eterno. O autor enfatiza que o sofrimento de Jerusalém, aquele sofrimento em específico, era resultado de seu pecado (Lm 1.8,18; 3.29,42, 4.11). Ao longo do poema, Jeremias dá vazão a uma dor imensa, descrevendo detalhadamente os horrores da guerra e do cerco, mas sobretudo conectando esses fatos ao pecado de Judá.

Por outro lado, o livro de Jó inicia com uma introdução narrativa (Jó 1 e 2), na qual o Eterno permite ao Inimigo que toque na vida de Jó a fim de provar que Jó o servia apenas por amor e não por qualquer outra coisa. O Inimigo então tira os bens, os filhos e por fim a saúde de Jó e então seu é colocado em poesia no resto do livro, no qual Jó escancara todas as questões envolvendo seu sofrimento.

A questão envolvendo o sofrimento de Jó é que, muito diferente do que acontece em Lamentações, não existe uma conexão estreita entre seu sofrimento e algum pecado. É isso que Jó alega claramente em várias passagens (Jó 9.15-21; 10.14,15; 13.23). Ao longo da conversa com seus amigos, Jó alega inocência procurando demonstrar que não havia nada em sua vida que justificasse seu sofrimento enquanto seus amigos insistem em conclamar Jó a reconhecer algum pecado que seria a raiz de todo o seu sofrimento. Esta discussão chega ao clímax em Jó 31, quando Jó declara abordando várias situações específicas que sua vida era justa.

O desfecho do livro é surpreendente: o Eterno aparece a Jó e ao invés de lhe dar qualquer explicação envolvendo os fatos que iniciaram seu sofrimento, o Senhor apenas demonstra a Jó seu lugar de criatura diante do Criador e o exorta a confiar e depender mesmo sem entender (Jó 38-41). No final do livro o próprio Deus convoca os amigos de Jó a se arrependerem de suas considerações (Jó 42.7-8) e por fim Jó recebe de volta das mãos do Eterno tudo em dobro.

O que a tensão entre esses dois livros pode nos ensinar sobre o sofrimento? Nos ensina que não podemos presumir que o sofrimento pelo qual passamos seja resultado de pecado antes de avaliarmos nossa vida de maneira honesta e em espírito de oração. O pecado de nossos primeiros pais teve como efeito colateral o sofrimento humano. Contudo, os sofrimentos específicos, pessoais e intransferíveis que passamos na vida podem ser fruto de nossos pecados pessoais, mas não precisam necessariamente ser.

No caso em que o sofrimento está diretamente ligado ao pecado, devemos compreender o papel crucial da oração de arrependimento como vemos em vários salmos de contrição (Sl 32 e 51) e também a disposição para mudarmos de direção em nossa maneira de viver. Devemos nos voltar para o Eterno para receber de suas mãos perdão e graça, renovo e misericórdia. Afinal, “graças ao grande amor do Senhor é que não somos consumidos, pois as suas misericórdias são inesgotáveis. Renovam-se cada manhã; grande é a tua fidelidade!” (Lamentações 3:22,23).

No caso do sofrimento não estar ligado diretamente a um pecado pessoal específico (embora todo sofrimento esteja, em última análise, ligada a queda) devemos confiar no Eterno e buscar nele forças para confiar e prosseguir. Paulo, que foi experimentado em muitos sofrimentos nos deixou lições de perseverança e dependência do Eterno no meio da dor pois estava convencido de que “Deus age em todas as coisas para o bem daqueles que o amam, dos que foram chamados de acordo com o seu propósito” (Rm 8.28). Paulo nos deixou um exemplo de perseverança em Deus no meio do sofrimento: “Sei o que é passar necessidade e sei o que é ter fartura. Aprendi o segredo de viver contente em toda e qualquer situação, seja bem alimentado, seja com fome, tendo muito, ou passando necessidade. Tudo posso naquele que me fortalece” (Filipenses 4:12,13).

Seja no arrependimento seja na dependência, somos levados a confiar e descansar no Eterno quando passando pelo sofrimento.

⁶ LEWIS, C. S. *O problema do sofrimento*